



Não há estranhos para mim

Há muito, muito tempo, quando eu era criança, o meu avô levou-me a visitar o seu pomar.

— É o último bocadinho de terra que possuo, desde que vim viver para a cidade — disse-me, enquanto cumprimentava toda a gente.

— Avô, como fazes para conhecer tanta gente? — perguntei-lhe, enquanto corria para o acompanhar.

Ele parou para esperar por mim.

— Não os conheço pelo nome, conheço-os pelo coração. Sabes, Honey, *não há estranhos para mim*.

— Porquê? — perguntei, dando-lhe a mão.

Sorriu alegremente e respondeu:

— Porque eu e o meu coração somos livres.

Depois de caminharmos um pouco, disse:

— Minha querida, sabias que nos tempos tristes da escravatura eu costumava andar com sementes de macieira no bolso, e acreditava que, quando fosse livre, haveria de as plantar no meu próprio pedacinho de terra?

— Não, não sabia.

— Um dia dei-me conta de que isso só aconteceria quando nós mesmos lutássemos pela liberdade.

Então, uma noite, nós fugimos.

— Quem é “nós”?

— Eu, a tua avó Polly, e a tua mãe, que era bebé na altura — respondeu, acariciando os meus caracóis. — Tínhamos medo, claro, mas fomos cuidadosos.

Parou de falar, enquanto relembrava aqueles tempos...

— Quando chegámos ao Norte, já tínhamos passado por muitos estranhos e por muitos perigos. Estávamos junto ao rio Ohio e éramos quase livres, quando nos demos conta de que a fome e o cansaço eram demasiado grandes para continuarmos a andar. Então, escondemo-nos num celeiro ali perto.

Dormimos toda a noite, como há muito não fazíamos. De madrugada, um homem veio mungir as vacas, e a nossa bebé chorou. Ficámos petrificados. O nosso desespero era tanto que nos sentíamos capazes de atravessar o rio a nado, só para sermos livres! Nunca voltaríamos para trás!

Passados todos estes anos, o meu avô ainda tremia só de pensar naqueles tempos. Peguei-lhe na mão com força.

— O homem percebeu que não estava sozinho. Mas não olhou para a nossa cor; olhou para a nossa aflição. Era branco, mas ajudou-nos. Nunca me perguntou o nome, embora me dissesse o dele. Chamava-se James Stanton e era membro do *Caminho-de-Ferro Clandestino*.

— Oh! — exclamei. — Aquelas pessoas que ajudavam os escravos a viajar para o Norte?

— Aqueles que nos ajudaram quando mais precisávamos. James e a mulher, Sarah, não viram na tua mãe uma menina negra, apenas um bebé com fome. Deram-nos de comer e ajudaram-nos a atravessar o rio na noite seguinte.



— Isso é que foi sorte, avô! — alegrei-me, agarrando-lhe a mão com força.

— Não sei se foi sorte, Honey. Tínhamos de confiar em Deus. Tínhamos tomado uma resolução correcta e nunca nos faltou a ajuda. E conseguimos. Sei o que é precisar de ajuda e recebê-la. Por mim, nenhum estranho ficará caído no chão sem que eu lhe estenda a mão.

Caminhámos em silêncio e o ar primaveril trazia até nós o cheiro fresco e doce das macieiras em flor.

— Quando chegámos ao Norte, a tua avó e eu trabalhámos arduamente para quem nos quisesse contratar. Arámos a terra, apanhámos fruta, mungimos vacas, cosemos, ferrámos cavalos, até termos dinheiro suficiente para comprarmos um pedaço de terra. Este!

E mostrou-me um belo pomar, cheio de macieiras em flor.



— Lembras-te das sementes com que eu andava sempre no bolso? Peguei nelas e plantei-as no nosso pedacinho de terra. De cada vez que plantava uma, lembrava-me de uma pessoa que me tinha ajudado. Olha para todas estas flores!

O meu avô tirou uma maçã de cada bolso.

— Essas vieram da tua cave, avô?

— Vieram. Guardei-as para as comermos juntos.

Sentámo-nos a comer.

— Avô, será que um dia poderei plantar uma semente de memória aqui?

O meu avô sorriu, comovido:

— Podes fazê-lo agora mesmo.

Plantei as sementes da maçã que comera. Enquanto isso, o meu avô observava os meus gestos, relembrando, sem dúvida, o que fizera muitos anos atrás.

— Não me esquecerei do que fizeste hoje — disse o meu avô, levando a mão ao peito.

— E eu não esquecerei o que me contaste, avô.

E nunca esqueci.

— Então agora percebes por que razão *não há estranhos para mim* — disse o avô, com uma alegria imensa estampada no rosto, enquanto acenava para o céu.



Ann Grifalconi; Jerry Pinkney
Ain't nobody a stranger to me
New York, Hyperion Books for Children, 2007
(tradução e adaptação)